

---

## A Defesa da Natureza Começa Pela Terra\*

Carlos Walter Porto Gonçalves\*\*

A questão ambiental é muitíssimo importante e tão importante que ela não merece que se tenha uma visão não ecologizada da própria problemática social. Há muitos anos que venho marcando uma posição entre os ambientalistas para valorizar a questão, mostrar que ela é uma questão sócio-ecológica. O primeiro texto que escrevi sobre este tema chamava-se "Contribuição para a interpretação não ecologista da problemática ecológica" - venho há dez anos trabalhando com isso e procurando evitar este modismo. Quando comecei a mexer com este tema, não era moda no Brasil, e hoje é moda e mais que moda é fonte de grandes e escusos interesses, porque está todo mundo a fim de vender Rima e ganhar muito dinheiro com o meio ambiente.

Venho fazendo um esforço há muitos anos na discussão e no aprofundamento deste tema, mostrando que pensar ecologia, de uma maneira que não seja também global, e negar a própria concepção até filosófica embutida na idéia de ecologia, que é exatamente resgatar a complexidade dos diversos seres vivos, e a complexidade do ser vivo homem que, inclusive, faz história. Então o ecologista que não leva em consideração que é da natureza do homem, natureza biológica do homem, a capacidade de produzir cultura, não está levando a sério o homem na sua profunda complexidade.

---

\*Palestra realizada no 5º Encontro Local de Geografia - AGB-SP, em abril de 1987.

\*\*Professor da PUC - Rio e UFF (Universidade Federal Fluminense).

Gostaria de fazer um comentário prévio, que é uma informação que pouca gente sabe: 50% dos seringueiros que trabalharam durante o ciclo da borracha, no final do século passado e início deste, logo que este ciclo entrou em crise, morreram. Morreram por uma razão muito simples: a borracha dava tanto dinheiro que os ricos comerciantes seringalistas faziam charuto com dinheiro e mandaram construir o teatro de Manaus, altamente sofisticado, e toda a base da alimentação daquele povo que vivia no meio da floresta vinha importada. Como é que os seringueiros passaram a viver? Darci Ribeiro nos informa que 50% dessa população morreu. Só não morreram aqueles que se aproximaram e conseguiram manter uma relação com as comunidades indígenas, e aí se apropriaram, assimilaram a cultura indígena, e com isso conseguiram viver. O primeiro ponto que acho importante, portanto, é o seguinte: existe uma relação harmônica do branco com o índio na Amazônia, esta relação e do seringueiro com o índio, é daquele seringueiro-possesivo, que está vivendo lá há 60, 70, 80 anos. Esta história de que branco não se entende com índio, pergunto que tipo de branco? Pois afinal de contas os brancos também não são iguais, tem gente que é mais branco que o outros e sabemos disso. Esses seringueiros, ao longo desse tempo inteiro, vêm desenvolvendo uma série de atividades, e hoje têm uma vida na Amazônia que é de profundo conhecimento dos ecossistemas, das profundas relações, dos rios, das malhas, os tipos de espécies da qual eles tiram a sua sobrevivência. Mas sabemos que, particularmente após 1962, com a abertura da rodovia Bernardo Saião, a Belem-Brasília, abre-se uma nova fase do desenvolvimento da Amazônia, ou seja, o período em que os grandes capitais a partir geograficamente do Sul, não necessariamente da capital sulista, capitais são implantados no Brasil, adentram a Amazônia e inauguram uma nova fase de ocupação, uma nova geografia da Amazônia, um novo processo de apropriação e de transformação na Amazônia. Não vou me alongar nisso, mas gostaria de dar um dado concreto, atual e revisto.

Esses dados são obtidos pelo satélite NOAA 9, que fornece essas informações para Cachoeira Paulista em São Paulo, que transmite imediatamente para São José dos Campos que depois de processar, fornece ao IBDF. Então o IBDF tem todo dia a imagem de satélite, sabendo onde é que está tendo queimada no Brasil. Só pra se ter uma idéia: num mesmo dia foram detectados 6.800 focos de fogo na Amazônia. O dado que eu tinha antes era do município de Vilhena (RO), que no dia 9 de setembro, dava simplesmente 159 focos no município num só dia.

O QUE SE QUEIMOU NA FLORESTA EM 1987

Estado	Arca Queimada em km <sup>2</sup>	% da Área do Estado
Rondônia	45.452	18.7%
Mato Grosso	78.718	8.9%
Goiás	38.940	6.1%
Acre	7.274	4.8%
Maranhão	13.766	4.2%
Pará	19.365	1.6%
Amazona	1.093	0.1%
<u>Total</u>	<u>204.608</u>	<u>4.0%*</u>

Ponte: Revista Espacial, Ano XVII, nº 68, março/abril de 1988, INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

\* Este valor corresponde a 4,0% do total da floresta amazônica em território brasileiro, queimado somente em 1987.

Este é um processo que está acontecendo na Amazônia e particularmente no ano passado isto foi mais acentuado por uma razão: na dúvida do que ia acontecer na Constituinte, os latifundiários fizeram rapidamente várias queimadas para caracterizar suas terras como produtivas. Enquanto ficava esse empurra-empurra na Constituinte, eles, na prática, aceleraram o processo. Foi o ano em que mais se queimou na Amazônia, o ano de 1987, e isso foi para poder se antecipar a qualquer resolução da Constituinte sobre a Reforma Agrária. Esses dados referem-se somente a 6 meses e esse processo está sendo acelerado pela ocupação de terras pelos grandes proprietários com medo de uma possível desapropriação. Esse é o modo como o capitalismo, na sua fase monopolista, apoiado pelo Estado, está vendo a natureza amazônica.

O que eu queria falar agora é do modo como os seringueiros vêem a Amazônia, até porque o modo como o capitalismo vê sai todo dia na imprensa. Os seringueiros vêm discutindo isso há muito tempo e começam a formular uma proposta de desenvolvimento para a Amazônia e não é daquele tipo de visão ecológica que quer a natureza intocada. A proposta deles foi pelo CNS - Conselho Nacional dos Seringueiros - que é uma instituição que eles criaram recentemente e foi formada a partir de reuniões no Acre, em Rondônia e no Amazonas, até culminar com um grande Encontro Nacional que fundou o CNS, em Brasília, em 1985. Essa proposta conta com o apoio de muitos técnicos independentes do IBGE, do INCRA e de outras instituições oficiais. Essas pessoas ajudaram no sentido de que essa fala seringueira pudesse ter uma voz, um eco mais amplo. A proposta deles chama-se: *Reserva Extrativista*. Eles

querem criar a figura jurídica da reserva extrativista. Veja o detalhe do nome, *Reserva Extrativista*. Eles tiraram essa idéia de Reserva Indígena. A Reserva Indígena dá plenos direitos aos índios de usufruírem daquela terra, daquelas águas onde eles vivem, mas não existe fora da idéia de reserva indígena, no código brasileiro, na legislação brasileira nada que de este mesmo direito para os seringueiros. Da mesma maneira que os índios têm uma reserva indígena, reivindica-se a reserva para os seringueiros e ribeirinhos. Eles não querem ser proprietários individuais de terra, mas onde estão os seringais, as colocações e suas estradas, seriam demarcados como reserva que teria a própria União como proprietária e aquela comunidade com direito de uso por 30 anos renováveis. O seringal é constituído pela colocação que é a casa da família do seringueiro e pelas estradas de seringa. O seringal, que tem várias colocações, cada colocação tem as suas estradas, que são os caminhos onde eles marcam o percurso em busca do látex. Então vejam bem, não é nem questão de serem donos das terras mas de ter aquela floresta onde estão os seringais, que sejam demarcadas como reserva, para que eles continuem com suas atividades extrativistas; que sejam identificadas as áreas com maior densidade de árvores para que elas sejam preservadas e também as beiras dos rios.

Assim eles propugnam por uma nova figura jurídica, a *Reserva Extrativista*, onde o uso da terra é administrado pela comunidade através de seus sindicatos, suas cooperativas, suas escolas, seus postos de saúde, etc.

A preocupação com a utilização não destrutiva pode ser vista quando se conversa com uma pessoa como Chico Mendes que diz que os seringueiros e ribeirinhos vivem pela floresta e não da floresta.

Na própria terminologia vê-se que pensam diferente; eles não vivem das riquezas naturais, eles vivem pelas riquezas materiais, eles estão dentro. É uma outra visão de natureza que eles têm. Eles estão vendo a destruição da natureza, e destruir a natureza é, de fato, para eles a auto-destruição. É preciso impor ordem a fim de manter aquele seringueiro, aquele castanheiro que vive pelas riquezas naturais (o texto é deles) aquela riqueza que Deus deixou para o homem se alimentar. Dentro das reservas não tem só as seringueiras e as castanheiras, tem o buriti, o coco babaçu, a anta, a queixada, o coiteto e outros recursos naturais. Poderíamos adicionar o taperebá, o cupuaçu e uma lista imensa de coisas que, se fossem destruídas, a humanidade estaria privada destes sabores. Destruir esses sabores é destruir o que a gente na verdade jamais vai experimentar. Vejam bem, esses sabores foram selecionados por um tipo de saber, são certos saberes que selecionaram esses sabores. É uma visão muito mais profunda. Eles propõem impedir o desmatamento dos seringais, fazer a

desapropriação, levando em consideração soemente as benfeitorias dos mesmos, respeitando a colocação dos seringais. A posse será definida em discussão com os seringueiros através de seus sindicatos e entidades representativas, nas palavras textuais deles. Eles afirmam que a abertura de novos projetos de colonização no Acre só tem servido para transferir as tensões do sul do país para o Acre. Os traçados dos projetos foram feitos sem nenhum critério, obrigando os colonos a entregarem suas terras aos latifundiários. O INCRA chega e faz a quadrícula das propriedades no papel sem considerar as reais condições topográficas e hidrológicas, além de outras. Deste modo algumas propriedades têm água, outras não. Não importa o que existe de conteúdo real, o que importa é que seja perfeita geometricamente. Essa tem sido a prática do INCRA na área.

Ora, eles, os seringueiros e ribeirinhos, têm uma proposta completamente diferente: não é assim que se mapeia a região, não é assim que se tem que colonizar. Então, nos projetos, vemos que depois de algum tempo tem um colono que fica riquíssimo e em compensação os outros são obrigados a vender a terra para ele, porque estão sem água. Tem uma série de coisas que promove a concentração de terras e os seringueiros têm clareza disso. Eles propõem que seja concedido aos seringueiros da região amazônica áreas que obedeçam à realidade do local e por isso é que eles reivindicam que seja feita juntamente com suas entidades.

Eles se manifestam contra a repartição da terra em propriedades de 100, 200 ou 300 ha. Não à divisão das terras em lotes e sim à definição das áreas ocupadas por seringueiros como reservas extrativistas, assegurado o uso pelos seringueiros. Essa é uma proposta que saiu do 1º Encontro Nacional dos Seringueiros. Eles estão formalizando politicamente a proposta de União dos Povos da Floresta. Os Povos da Floresta incluem índios, posseiros, ribeirinhos e seringueiros. Com toda a prática de violência do passado, dos brancos contra os índios, eles perceberam e viram hoje a importância desta unidade. Tem uma relação diferente entre brancos e índios em prática na Amazônia brasileira hoje.

Ainda recentemente um índio candidato a deputado federal defendia a seguinte proposta: índios e seringueiros em defesa da vida e da floresta, pelo respeito aos direitos dos povos indígenas, pela criação de reservas extrativistas. São os próprios índios já não querendo só as reservas indígenas, querendo também reservas extrativistas. Perguntado uma vez sobre o que eles achavam de ter os seringueiros ou grandes empresas do lado, disse o Pirazi Brasil: não tem nem dúvida, hoje nós conseguimos responder por todo o movimento ecológico com os seringueiros e com os índios. Esta é a única maneira de buscar aliados e de nos sentirmos mais

firmes, com a criação das reservas extrativistas porque sabemos que os seringueiros não devastam as malhas, não vão fazer barragem nos rios, não vão acabar com os animais, vão tirar o produto da seringa e da roça para desenvolver o Estado sem prejudicar a natureza.

Para um plano regional de reforma agrária aprovado no Estado do Acre, a figura do seringueiro e do castanheiro possuem importância social, cultural e econômica que deve ser valorizada através de uma nova perspectiva de exploração e uso da floresta. A borracha é o produto de maior expressão econômica do sub-setor extrativista da economia acreana. Com relação à castanha do Pará, o destaque como o segundo produto mais importante, pelo alto valor que representa na pauta de exportações, esta atividade tal qual o extrativismo da borracha está subordinada ao processo de avanço da frente agropecuária, expropriando expressivo contingente de seringueiros e castanheiros que foram constituir os bairros periféricos de Rio Branco. Diga-se de passagem, estas pessoas foram expulsas por várias construtoras e madeireiras, e tiveram que abandonar os seus antigos seringais e migraram para o Acre ou para a Bolívia. Tivemos em 1987 os resultados com as enchentes no Acre: 25% da população de Rio Branco foi atingida. Foi muito mais grave que no Rio de Janeiro, proporcionalmente. Isso no Rio de Janeiro significaria algo em torno de um milhão e meio de habitantes. O Rio teve entre desabrigados e desalojados cerca de 10.000 pessoas. Mas o Rio tem um impacto muito forte. O trabalho que a imprensa fez, e foi muito importante fazer mesmo, deveria ser feito também em Rio Branco. Essas pessoas foram desalojadas de suas colocações por madeireiras que promovem desmatamento e, inclusive, vão pegar dinheiro da CEF, para fazer a recuperação das casas que foram inundadas. Ganham com a expulsão e ganham depois recuperando. Ganham por todos os lados. No Brasil é enorme a influência dessas grandes empreiteiras. É estranho que as pessoas não estejam pesquisando isto, a não ser o Jânio de Freitas da Folha de São Paulo que tem sistematicamente marcado em cima. No caso de Rio Branco estes desmatamentos, que estão relacionados com as enchentes, pelo desequilíbrio hidrológico que se produz, tem forte relação com a estrutura sócio-política que o produz.

O movimento de seringueiros, ribeirinhos e índios tem plena consciência disso, tanto é que por pressão deles passam a constar no plano regional de Reforma Agrária, em defesa do meio ambiente, que o extrativismo da borracha e da castanha representa a garantia do equilíbrio ecológico. Assim, até que sejam definidos manejos adequados dos recursos naturais na região, esta atividade será profundamente preservacionista.

O movimento fez um documento para a delegacia regional do INCRA, onde propõe o seguinte: redefinições das áreas ocupadas pelos

seringueiros como reservas extrativistas, assegurado o uso pelos mesmos. As colocações ocupadas pelos seringueiros serão demarcadas pelo INCRA, em conjunto com os seringueiros, conforme as estradas de seringa e as colocações. Eles não abrem mão deste critério de zoneamento.

Essas teses são importantes para que possamos sair da denúncia, da eterna política do contra. É preciso começar a aprender a fazer política a favor do que a gente acredita. Isso é fundamental. Ouvimos dizer "eu sou contra a ocupação da Amazônia". Eles têm proposta de como fazer a favor e se não juntarmos estas duas coisas vamos ficar sempre sendo eternos intelectuais do contra. Reclamamos, reclamamos, o que dá um certo charme, ser um intelectual de esquerda que está sempre falando em nome do povo. Agora, se tivermos que fazer proposta a favor, temos que fazer com eles, aí é diferente. A radicalidade está na proposta enraizada com o movimento e não na altura do tom de voz.

Esse movimento da Amazônia apresenta uma enorme abertura para os pesquisadores e técnicos que queiram se juntar a eles. Em um dos seus documentos, eles reivindicam projetos pilotos e experimentos de adensamento da floresta com espécies de valores econômicos, objetivando a determinação do sistema de exploração. Veja bem, estabelece mecanismos que permitem garantir a exploração e conservação racional dos seringais nativos de Rondônia, com ênfase para o Vale Guaporé - BR 429. As áreas, cuja viabilidade for comprovada, seriam transformadas em reservas legais. O direito de exploração será assegurado aos seringueiros que lá estiverem habitando e vivendo da exploração da borracha e de outros produtos florestais, tais como a castanha, óleos e etc. Veja bem, este documento é assinado pelo CNS, e mais pelo IBDF, SEMA, POLONOROESTE e SUDAM.

No dia 17/5/88, o Jornal Gazeta do Acre publicou uma matéria sobre o Sr. Francisco Mendes. O sindicalista Francisco Mendes, presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Xapuri, membro do CNS, está alertando as autoridades e a população do Estado de uma maneira geral, que o clima de tensão entre os seringueiros e latifundiários no interior do município de Xapuri, poderá se acirrar ainda mais se nenhuma providência for tomada, e que os períodos das derrubadas estão chegando - esta questão é interessante porque a gente faz tanta análise do clima e nunca faz as relações, e que os períodos da derrubada estão se aproximando simultaneamente, o que tem aumentado a pressão daqueles que querem derrubar áreas de malas ocupadas por seringueiros no seu município. Chico Mendes diz que escreveu à Gazeta do Acre, que o Sindicato do qual é presidente não vai arredar o pé da luta em defesa dos seringueiros e que as derrubadas,

tendo respaldo legal, não vão ser permitidas em áreas de seringais e castanheiros de Xapuri. Eis na íntegra a nota de Chico Mendes.

*O verão está chegando* (isso já denota a presença de nordestino: verão, maio, junho e julho já sinaliza que é época de seca; é só lembrar do clima do nordeste e ver como eles chamam a época menos chuvosa de verão) e já é hora de fazermos um alerta à população. Gostaríamos de começar avivando um pouco nossas memórias. Todos lembram do ano passado, lembram dos momentos de sufoco que passamos quando a cidade de Rio Branco ficou coberta por uma enorme nuvem de fumaça, impedindo até que os aviões pudessem pousar. Lembram de dezenas de crianças que adoeceram com pneumonia. Lembram também da agonia que enfrentamos quando tínhamos que enfrentar a BR 317, no trecho Rio Branco-Brasília, em meio a essas grandes queimadas. Pois bem meus amigos, se alguém esqueceu, a maioria de nós ainda conserva viva em nossa memória. Tudo isso é apenas consequência de um dos maiores crimes cometidos contra a natureza, as derrubadas. E por este motivo que os seringueiros de Xapuri a cada ano reiniciam os movimentos de empate (só uma informação: o que é empate? Não está no Aurélio. Empate é o seguinte: uma empreiteira entra na área para derrubada, os seringueiros ocupam a área e dizem que vão **empatar**, levando crianças e mulheres para se colocar frente às máquinas e os peões. Isso eles chamam de empate. Eles ocupam, deitam no meio e aí empata, e quando empatam, a polícia desempata geralmente contra eles.) É por este motivo que os seringueiros de Xapuri reiniciam os movimentos de empate. Este ano, a 30 km de Xapuri já começaram os empates no seringal Equador. Na semana passada 60 seringueiros embargaram o desmatamento que como sempre eslava sendo executado ao arrepio da lei. (Vejam bem: os seringueiros reivindicando o cumprimento da lei e depois vão ser chamados de baderneiros.) Quando os seringueiros tomaram conhecimento dessa derrubada já haviam sido desmaiados 20 ha. Sendo que os agentes do IBDF tinham declarado não ter expedido nenhuma licença para o desmatalamento. No dia seguinte, após o empate, o suposto proprietário reiniciava o desmatamento exibindo uma licença que o próprio IBDF se encarregou de fornecer. (Detalhe: quando falo no suposto proprietário não estou brincando com a palavra. O Acre foi incorporado ao Brasil no início deste século, pelo tratado de Rio Branco. Depois o Acre foi um Estado independente. Existe legislação sobre a terra que vem da época quando o atual Estado foi incorporado pelo Estado do Amazonas. Então tem vários cadastros de terra. Além de ter a legislação do ciclo da borracha sob a hegemonia do governo brasileiro que não definia propriedade mas concessão para ir explorar os seringais e depois tem os seringueiros que estão

ocupando tudo isto. Então, no Estado do Acre lemos o maior caos. A propriedade de terra nesta área que tem, pelo menos, cinco fontes jurídicas e é por isso que eles falam em suposto proprietário. É suposto mesmo. Não é uma palavra para denegrir, ela é rigorosamente correta, pois só se pode falar, na Amazônia, de supostos proprietários. Apesar do governador do Acre, no Rio de Janeiro, recentemente ter dito que no Acre não tem problemas de propriedade de terras).

*Os seringueiros esperaram para ver o restante da mata derrubada no seringal Equador sem que nenhuma providência fosse tomada. Fizemos um segundo empate na área. Os fazendeiros reuniram-se com o governador Flaviano Mello usando o costumeiro argumento que os seringueiros são agitadores e conseguindo dele a promessa de que o desmaie seria garantido. Isto significa que o governo poderia usar a força contra os trabalhadores. São centenas de castanheiros e seringueiras, madeiras de lei e mais de duas vertentes de rios, nascentes que poderão ser extintas, que a própria legislação federal tem sob proteção. Entretanto, o órgão encarregado de fazer a legislação e de punir em desrespeito a lei, como sempre aconteceu no nosso Estado, o governo resolve garantir ao criminoso o desmaie do seringal Equador.*

*Provavelmente ocorrerão prisões dos seringueiros que lá estavam pacificamente tentando evitar que fossem cometidas barbáries contra nossas riquezas naturais. Eles estão, neste momento, no seringal Equador e estarão em qualquer parte para lutar em defesa da vida. Temos nossas consciências como armas e lutamos para que o futuro do nosso povo não seja apenas uma pequena lenda do passado.*

Queremos lembrar ainda que uma comissão do BID esteve lá e ficou impressionada com o trabalho dos seringueiros em defesa da floresta e esse foi um dos motivos que a sensibilizou para que os seringueiros e o próprio BID apoiassem o PMACI - Programa de Proteção do Meio Ambiente e das Comunidades Indígenas, no Acre, já que o governo do Estado tem se manifestado favoravelmente às questões ecológicas, pelo menos no discurso. Agora imaginemos como essa comissão receberá a notícia de que 60 ou 100 seringueiros foram presos em Xapuri por defenderem a causa ecológica?

Em função da capacidade de articular alianças com outros setores da sociedade brasileira e com movimentos internacionais, em defesa da vida, o Movimento dos Povos da Floresta conseguiu quebrar o isolamento e se fazer conhecido. Denunciaram, inclusive, junto ao Banco Mundial que enviou ao Brasil uma comissão para verificar as denúncias de desmatamento feitas por Chico Mendes. E veja que esse desmatamento se fazia com di-

nheiro do Banco Mundial que, por sua vez, havia aprovado o Projeto inclusive pela sua preocupação ambientalista. O governo brasileiro não honra seus compromissos internacionais e depois diz que os seringueiros não são nacionalistas. A falta de credibilidade do governo brasileiro ultrapassou as nossas fronteiras. E Chico é hoje um importante líder mundial em defesa da vida em todos os sentidos.